DA REPRODUÇÃO À REFLEXÃO: MASCULINIDADES E HERANÇAS FAMILIARES ADVERSAS

DE LA REPRODUCCIÓN A LA REFLEXIÓN: MASCULINIDADES Y LEGADOS FAMILIARES ADVERSOS

FROM REPRODUCTION TO REFLECTION: MASCULINITIES AND ADVERSE FAMILY LEGACIES

Daniela Pupo Barbosa BIANCHI[1]
e-mail: daniela@cocriarpsicologia.net

Ida KUBLIKOWSKI[2]
e-mail: idakublikowski@pucsp.br

Como referenciar este artigo:

Bianchi, D. P. B., & Kublikowski, I. (2026). Da reprodução à reflexão: masculinidades e heranças familiares adversas. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, *27*(esp1), e026024. https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21473

| **Submetido em**: 15/04/2026
| **Revisões requeridas em**: 23/04/2026
| **Aprovado em**: 04/07/2026
| **Publicado em**: 10/09/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

[1] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica.
[2] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Docente no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica.

(cc) BY-NC-SA

RESUMO: Este estudo qualitativo analisou o impacto de padrões transgeracionais na construção de significados atribuídos às masculinidades por homens adultos cisgênero que vivenciaram experiências adversas na infância. Dados de entrevistas semiestruturadas individuais e genogramas foram submetidos à análise temática reflexiva, da qual emergiram três temas: heranças masculinas ambivalentes; lealdades invisíveis e repetição transgeracional; e diferenciação, ruptura e reconstrução reflexiva. A masculinidade foi aprendida em contextos de ambivalência afetiva, violência, alcoolismo parental e ausência emocional, transmitidos de forma não linear entre gerações. Figuras masculinas familiares apareceram simultaneamente como fontes de cuidado e sofrimento, organizando experiências de identificação, rejeição e ambivalência. Terapia, paternidade, espiritualidade e sofrimento psíquico mobilizaram movimentos de questionamento, diferenciação e reconstrução diante das referências masculinas herdadas. As experiências adversas familiares não determinam linearmente a identidade masculina, mas constituem um campo relacional no qual cada sujeito constrói, com os recursos disponíveis, formas próprias e singulares de significar e viver a masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Experiências adversas na infância. Transmissão transgeracional.

RESUMEN: *Este estudio cualitativo analizó el impacto de los patrones transgeneracionales en la construcción de significados atribuidos a las masculinidades por hombres adultos cisgénero que vivieron experiencias adversas durante la infancia. Los datos de entrevistas semiestructuradas individuales y genogramas fueron sometidos a un análisis temático reflexivo, del que surgieron tres temas: herencias masculinas ambivalentes; lealtades invisibles y repetición transgeneracional; y diferenciación, ruptura y reconstrucción reflexiva. La masculinidad fue aprendida en contextos de ambivalencia afectiva, violencia, alcoholismo parental y ausencia emocional, transmitidos de forma no lineal entre generaciones. Las figuras masculinas familiares aparecieron simultáneamente como fuentes de cuidado y sufrimiento, configurando experiencias de identificación, rechazo y ambivalencia. La terapia, la paternidad, la espiritualidad y el sufrimiento psíquico movilizaron procesos de cuestionamiento, diferenciación y reconstrucción frente a las referencias masculinas heredadas. Las experiencias familiares adversas no determinan linealmente la identidad masculina, sino que constituyen un campo relacional en el que cada sujeto construye formas propias y singulares de significar y vivir la masculinidad.*

PALABRAS CLAVE: *Masculinidades. Experiencias adversas en la infancia. Transmisión transgeneracional.*

ABSTRACT: *This qualitative study analyzed the impact of transgenerational patterns on the construction of meanings attributed to masculinities by cisgender adult men who experienced adverse childhood experiences. Data from individual semi-structured interviews and genograms were subjected to reflexive thematic analysis, yielding three themes: ambivalent masculine legacies; invisible loyalties and transgenerational repetition; and differentiation, rupture, and reflexive reconstruction. Masculinity was learned in contexts of emotional ambivalence, violence, parental alcoholism, and emotional absence, transmitted nonlinearly across generations. Male family figures simultaneously represented sources of care and suffering, shaping experiences of identification, rejection, and ambivalence. Therapy, fatherhood, spirituality, and psychological distress prompted processes of questioning, differentiation, and reconstruction in relation to inherited masculine references. Adverse family experiences do not linearly determine masculine identity but constitute a relational field in which each individual, using available resources, constructs personal and singular ways of understanding and living masculinity.*

KEYWORDS: *Masculinities. Adverse childhood experiences. Transgenerational transmission.*

(cc) BY-NC-SA

INTRODUÇÃO

As experiências adversas na infância têm sido amplamente associadas a prejuízos no desenvolvimento emocional, relacional e psicossocial ao longo do ciclo de vida. Felitti et al. (1998) demonstraram que as experiências relacionadas a violência, negligência, abuso, alcoolismo familiar, sofrimento psíquico parental e instabilidade relacional apresentam associação significativa com diferentes desfechos negativos em saúde física e mental na vida adulta. Desde então, diferentes estudos vêm apontando que tais experiências podem influenciar processos de vinculação, de regulação emocional e de organização relacional, bem como as formas de enfrentamento desenvolvidas na infância e adolescência (Andrade et al., 2022; Kalmakis & Chandler, 2014; Kublikowski & Bianchi, 2025).

Compreender as experiências adversas na infância exige considerar a família não apenas como núcleo biológico ou estrutura normativa, mas também como campo relacional no qual se organizam pertencimentos, vínculos, crenças, silenciamentos e formas de subjetivação. Bianchi e Kublikowski (2022) veem a família como um sistema de relações de afeto e pertencimento que se perpetua ao longo do tempo e que busca assegurar sobrevivência biopsicossocial a seus membros. Tal perspectiva possibilita compreender que os padrões relacionais, modos de vinculação, expectativas e formas de organização emocional podem atravessar diferentes gerações familiares, participando da manutenção da continuidade e da homeostase do campo familiar (Bianchi, 2026). As experiências relacionadas a violência, alcoolismo, negligência emocional e rigidez afetiva podem ser compreendidas não apenas como eventos isolados, mas também como fenômenos inseridos em dinâmicas relacionais e transgeracionais mais amplas.

Diferentes autores da perspectiva sistêmica e transgeracional (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1983; Bowen, 1991) destacam que as famílias transmitem não apenas histórias e vínculos de pertencimento, mas também formas de manejo emocional, expectativas relacionais, crenças e modos de funcionamento familiar que influenciam a experiência subjetiva de seus membros. Para Bowen (1991), o desenvolvimento humano ocorre em permanente tensão entre pertencimento e diferenciação, de modo que os indivíduos buscam simultaneamente preservar vínculos familiares e construir autonomia emocional. A noção de diferenciação do *self* refere-se justamente à capacidade de manter relativa autonomia emocional e intelectual sem rompimento dos vínculos afetivos, permitindo ao sujeito reconhecer criticamente padrões familiares sem reproduzi-los de maneira automática.

Além dessa perspectiva, Boszormenyi-Nagy e Spark (1983) propõem o conceito de ‘lealdades invisíveis’, que se referem a vínculos éticos, emocionais e relacionais que conectam

(cc) BY-NC-SA

os membros de uma família ao longo das gerações, organizando expectativas de pertencimento, reciprocidade, compromisso e obrigação relacional, muitas vezes de maneira não consciente ou não verbalizada. Nessa direção, determinadas formas de masculinidade, padrões emocionais e modos de relação podem ser transmitidos entre gerações não apenas por identificação consciente, mas também por vínculos de lealdade e obrigação relacional que permanecem ativos mesmo diante de experiências familiares marcadas por sofrimento, violência ou ambivalência afetiva.

As formas de masculinidade construídas ao longo da infância e adolescência também se organizam nesse campo relacional. Mais do que discursos explícitos sobre o que significa 'ser homem', os meninos aprendem formas de expressão emocional, manejo dos conflitos, modos de vinculação e estratégias de pertencimento a partir das relações familiares e sociais que vivenciam (Connell, 2005; Connell et al., 2005). Em contextos marcados por violência, negligência, silenciamento afetivo e rigidez relacional, determinadas práticas masculinas podem ser transmitidas e naturalizadas ao longo das gerações, constituindo referências marcantes para a construção identitária masculina (Levell, 2020; Zaniewski et al., 2022; hooks[3], 2025).

No campo de estudos das masculinidades, Connell (2005) propõe compreendê-las como configurações de práticas produzidas historicamente em contextos sociais específicos e atravessadas por relações de poder, pertencimento e reconhecimento. Tal perspectiva afasta-se de compreensões essencialistas do masculino ao reconhecer a existência de múltiplas masculinidades organizadas de maneira dinâmica e relacional. Em diálogo com essa abordagem, Connell et al. (2005) destacam que as masculinidades são construções sociais continuamente negociadas nas interações cotidianas, especialmente no interior das relações familiares, comunitárias e culturais.

Connell e Messerschmidt (2013) aprofundam esse argumento ao proporem que a masculinidade hegemônica não é um tipo fixo de caráter, mas uma configuração de práticas que legitima determinadas posições de poder e subordina outras formas de masculinidade, variando conforme os contextos históricos e culturais. Assim, as experiências familiares adversas não apenas produzem sofrimento emocional, mas também podem participar da constituição de formas específicas de masculinidade relacionadas ao controle emocional, à rigidez afetiva, à autossuficiência e à dificuldade de reconhecimento da vulnerabilidade.

[3] Respeitou-se neste artigo a grafia em minúsculas que bell hooks advoga para seu nome.

(cc) BY-NC-SA

hooks (2025) oferece uma contribuição fundamental ao campo de estudos das masculinidades ao argumentar que a cultura patriarcal impõe aos homens que, desde a infância, a vulnerabilidade, o afeto e a necessidade de cuidado sejam suprimidas, como condição de alcançar pertencimento ao universo masculino. Considera que o problema central não se limita às estruturas sociais que organizam as relações de poder entre homens e mulheres, mas inclui a forma como os próprios homens são desde cedo ensinados a negar aspectos essenciais de sua vida emocional, aprendendo que amar, precisar de cuidados ou demonstrar fragilidade representam ameaças à identidade masculina. Esse processo de supressão emocional, aprendido nas relações familiares e reforçado nas interações sociais, não apenas gera sofrimento psíquico, mas também compromete a capacidade de construir vínculos afetivos consistentes e de reconhecer a própria vulnerabilidade como parte constitutiva da experiência humana. A transformação desse quadro, segundo hooks (2025), exige que os homens sejam capazes de nomear e elaborar as formas pelas quais aprenderam a suprimir o afeto, processo que passa necessariamente pela revisão crítica das referências masculinas recebidas no âmbito familiar.

Estudos recentes têm apontado que homens expostos a experiências adversas na infância frequentemente constroem estratégias adaptativas associadas a dureza emocional, hipervigilância relacional, controle afetivo e silenciamento do sofrimento (Levell, 2020; Zaniewski et al., 2022). Em muitos casos, tais estratégias aparecem articuladas a formas de pertencimento e reconhecimento masculino socialmente valorizadas, ainda que produzam sofrimento psíquico e dificuldades relacionais ao longo da vida adulta. Ao mesmo tempo, pesquisas qualitativas indicam que homens expostos a contextos familiares violentos ou negligentes não reproduzem tais experiências de maneira linear ou automática, desenvolvendo frequentemente movimentos ambivalentes de identificação, crítica, resistência e reelaboração das referências masculinas aprendidas no contexto familiar (Callaghan et al., 2025).

A presente investigação advém de observarmos que, apesar do crescimento das pesquisas sobre experiências adversas na infância e masculinidades, ainda são escassos os estudos qualitativos brasileiros voltados à compreensão das articulações entre experiências adversas familiares, transmissão transgeracional e construção da masculinidade em homens adultos. Assim, este estudo teve por objetivo investigar o impacto dos padrões transgeracionais na construção de significados atribuídos às masculinidades por homens adultos cisgênero que vivenciaram experiências adversas na infância.

(cc) BY-NC-SA

METODOLOGIA

Adotou-se para a pesquisa uma abordagem qualitativa, propícia para compreender os fenômenos em seus contextos, a fim de investigar como os indivíduos atribuem significados às experiências vividas (Denzin & Lincoln, 2005). Parte-se do pressuposto que a perspectiva adotada pelo pesquisador se articula com o empírico em um processo de coconstrução que sustenta a subjetividade do pesquisador e exclui a possibilidade de uma postura totalmente neutra e objetiva. Nesse sentido, adotou-se uma abordagem narrativa, compreendendo o *self* como um contador de histórias que, ao narrar sua experiência, a organiza em identidade e, por meio dos significados atribuídos às próprias ações, permite a autocompreensão e a abertura ao outro (Kublikowski, 2023).

Participantes

Participaram do estudo 10 homens adultos brasileiros selecionados de forma intencional, conforme os pressupostos da amostragem qualitativa (Yin, 2015).

A delimitação etária adotada considerou que a maturidade biológica e psicossocial tende a apresentar maior consolidação a partir dos 30 anos (Rodrigues & Kublikowski, 2014). O limite superior de 59 anos foi definido em consonância com a classificação da Organização Mundial da Saúde para o início da velhice e com a legislação brasileira vigente, especialmente a Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994) e o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), que estabelecem os 60 anos como marco legal para a condição de pessoa idosa.

Foram considerados elegíveis indivíduos de nacionalidade brasileira com idades de 30 a 59 anos que se autodeclarassem homens cisgênero e que relatassem experiências familiares significativas relacionadas à construção de suas masculinidades, incluindo experiências adversas ocorridas no contexto familiar durante a infância e adolescência, independente do estado civil e orientação sexual. Foram excluídos indivíduos que não atendessem a pelo menos um desses critérios.

A divulgação do convite para participação voluntária ocorreu no âmbito da rede de contatos da pesquisadora, por meio de abordagem direta e indicação de pessoas conhecidas, estratégia que possibilitou o acesso a participantes compatíveis com os critérios estabelecidos para o estudo.

Os participantes com idades de 31 a 53 anos tinham alto nível de escolaridade e apresentaram diversidade quanto à cor/etnia, orientação sexual, estado civil e profissão (Tabela

(cc) BY-NC-SA

1), espectro este relevante para ampliar a heterogeneidade experiencial da amostra e favorecer a inclusão de diferentes perspectivas sobre masculinidades, relações familiares e trajetórias transgeracionais no contexto investigado.

Tabela 1.
Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participante	Idade	Cor/etnia	Estado civil	Escolaridade	Área de trabalho	Filhos	Orientação sexual
P1	39	Branco	Casado	Superior completo	Saúde	Não	Heterossexual
P2	53	Branco	Divorciado	Superior completo	Tecnologia	Não	Heterossexual
P3	38	Branco	União estável	Superior completo	Jurídica	Não	Heterossexual
P4	38	Branco	Casado	Pós-graduação	Econômica	Não	Heterossexual
P5	44	Negro	Casado	Superior completo	Administrativa	Não	Heterossexual
P6	51	Branco	Casado	Pós-graduação	Design	Não	Homossexual
P7	39	Branco	Casado	Pós-graduação	Financeira	Sim	Heterossexual
P8	48	Branco	Casado	Pós-graduação	Saúde	Sim	Homossexual
P9	32	Pardo	Separado	Ensino médio completo	Transporte	Não	Heterossexual
P10	31	Negro	Casado	Doutorando	Acadêmica	Não	Homossexual

Nota. Dados da pesquisa.

Entrevista semiestruturada

Optou-se pela entrevista semiestruturada como principal estratégia de coleta de dados. Esse tipo de entrevista caracteriza-se pela utilização de perguntas abertas e pelo caráter conversacional e relacional, favorecendo a livre expressão do participante e a emergência de conteúdos inesperados e significativos para a investigação (Kvale, 1996). Embora os participantes tenham tido liberdade para desenvolver os temas abordados, a condução buscou garantir que os tópicos relevantes para os objetivos da pesquisa fossem contemplados.

Considerando que as questões relacionadas às normas de gênero podem influenciar tanto a adesão masculina às pesquisas quanto a profundidade das respostas oferecidas (Souza, 2022), buscou-se proporcionar um ambiente acolhedor e empático que favorecesse a confiança, a abertura emocional e o compartilhamento de experiências mais íntimas. Assim, a entrevista semiestruturada possibilitou não apenas acessar experiências individuais dos participantes, mas também compreender as formas pelas quais construíram sentidos sobre masculinidade, vínculos familiares, sofrimento emocional e trajetórias de vida.

(cc) BY-NC-SA

Genograma

O genograma é definido por Krüger e Werlang (2008) como um desenho gráfico da vida familiar que possibilita aproximação às heranças simbólicas transmitidas e transformadas nas famílias. O instrumento consolidou-se como recurso em pesquisas qualitativas para investigação de padrões relacionais, repetições, vínculos, rupturas e formas de organização transgeracional.

No contexto desta pesquisa, o genograma foi utilizado como instrumento auxiliar para organização das informações transgeracionais presentes nas entrevistas, contribuindo para a identificação de padrões familiares relacionados às masculinidades.

Análise temática reflexiva

Para a análise dos dados, foi adotada a análise temática reflexiva, proposta por Braun e Clarke (2006, 2016). O método orienta-se pela identificação, análise e interpretação de padrões de significado (temas) em um conjunto de dados qualitativos, reconhecendo o papel ativo e situado do pesquisador na construção desses padrões. Diferentemente de abordagens que concebem os temas como estruturas latentes preexistentes nos dados, a análise temática reflexiva compreende os temas como produtos de um processo interpretativo, atravessado pelo referencial teórico, pelos objetivos da pesquisa e pelo posicionamento epistemológico do pesquisador (Braun & Clarke, 2006, 2016). Essa perspectiva mostrou-se especialmente adequada aos objetivos deste estudo, voltado à compreensão de padrões transgeracionais de masculinidade em contextos familiares adversos.

O processo analítico seguiu as fases propostas por Braun e Clarke (2006) de modo recursivo e não linear. As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas a leituras repetidas, constituindo a etapa de familiarização com os dados. Em seguida, foram gerados códigos iniciais a partir das narrativas, progressivamente agrupados em temas candidatos, revisados quanto à coerência interna e à distinção entre si e posteriormente definidos e nomeados. O relato analítico foi produzido articulando os temas entre si e com a questão de pesquisa. Neste estudo, cada entrevista foi analisada em conjunto com o respectivo genograma, o qual permitiu visualizar e organizar informações transgeracionais presentes nas narrativas, repetições de padrões relacionais, vínculos afetivos e modelos masculinos transmitidos ao longo das gerações (McGoldrick et al., 2012). Essa articulação entre os dois instrumentos enriqueceu o processo de codificação e contribuiu para a construção dos temas.

(cc) BY-NC-SA

A reflexividade da pesquisadora esteve presente em todas as fases do processo analítico. Os significados colhidos na análise são compreendidos como coconstituídos entre os dados, os objetivos do estudo, o referencial teórico e o posicionamento da pesquisadora, dimensão que não representa um viés a ser eliminado, mas uma condição constitutiva da pesquisa qualitativa, que deve ser tornada explícita e ser rigorosamente considerada (Braun & Clarke, 2006). O processo analítico contou com suporte auxiliar da ferramenta ChatGPT (GPT-4, OpenAI), utilizado de forma estritamente delimitada na fase de organização inicial dos dados e na geração preliminar de códigos. Todo o material produzido com apoio da ferramenta foi sistematicamente revisado e reinterpretado pela pesquisadora, permanecendo sob sua responsabilidade epistemológica a construção dos temas, a interpretação dos dados e a produção de sentido (Turobov et al., 2024).

PROCEDIMENTOS E CUIDADOS ÉTICOS

Os cuidados éticos seguiram as diretrizes previstas na Lei nº 14.874/2024 (Brasil, 2024), garantindo sigilo, confidencialidade e proteção das informações compartilhadas. Este artigo integra uma investigação mais ampla aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (parecer nº 7.668.502, de 26 de junho de 2025), cujos dados foram coletados de forma unificada junto aos demais estudos que compõem a tese de doutorado da primeira autora.

RESULTADOS

A análise conjunta das entrevistas e dos genogramas permitiu identificar padrões recorrentes relacionados às experiências masculinas construídas ao longo das trajetórias familiares dos participantes. As narrativas revelaram que a masculinidade foi frequentemente aprendida em contextos marcados por ambivalência afetiva, rigidez emocional, violência, ausência de acolhimento e modelos contraditórios de masculinidade. Os genogramas contribuíram para a visualização e organização das informações transgeracionais presentes nas entrevistas, permitindo identificar repetições de padrões relacionais, vínculos afetivos e modelos masculinos transmitidos ao longo das gerações familiares (McGoldrick et al., 2012). Ao mesmo tempo, os relatos evidenciaram movimentos de reflexão, diferenciação e revisão crítica dessas heranças familiares na vida adulta.

(cc) BY-NC-SA

Os temas apresentados a seguir não foram compreendidos como categorias fixas ou universais, mas como núcleos interpretativos gerados a partir das recorrências, tensões e sentidos compartilhados nas narrativas dos participantes, em consonância com Braun e Clarke (2006), que apontam que os temas representam padrões de significado relevantes em relação à questão de pesquisa e são gerados por meio de um processo ativo e reflexivo de interpretação dos dados.

A análise possibilitou a emersão de três temas principais: (1) heranças masculinas ambivalentes; (2) lealdades invisíveis e repetição transgeracional; e (3) diferenciação, ruptura e reconstrução reflexiva. Embora apresentados separadamente para fins analíticos, os temas mostraram-se profundamente interligados, compondo processos subjetivos dinâmicos relacionados às experiências adversas na infância, às transmissões familiares de modelos masculinos e às formas de elaboração da masculinidade.

Heranças masculinas ambivalentes

As narrativas dos participantes evidenciaram que suas primeiras referências de masculinidade foram construídas em contextos marcados por ambivalência afetiva, instabilidade relacional e contradições nos modelos masculinos familiares. Pais, avôs, padrastos e outras figuras masculinas apareceram simultaneamente associados a proteção, responsabilidade, trabalho e cuidado, mas também a violência, alcoolismo, ausência emocional, rigidez afetiva e imprevisibilidade. Nos relatos, admiração, ressentimento, identificação e rejeição coexistiam de maneira entrelaçada, compondo experiências masculinas marcadas por tensões afetivas persistentes.

Em diferentes narrativas, as figuras masculinas familiares compareceram simultaneamente como fontes de cuidado e sofrimento. P1 descreve ter sido “apresentado a diversos masculinos”, reconhecendo referências contraditórias entre pai e avô. Enquanto o pai lhe oferecia a possibilidade de uma masculinidade afetiva: “Meu pai me permitiu ser um homem afetuoso ... o homem não precisa ser rude”, o avô representava um modelo associado à virilidade tradicional e à infidelidade masculina: “O homem era pra ser safado, o homem era pra ser mulherengo”. A ambivalência aparece sintetizada quando o participante descreve o avô como “um avô excelente” e, ao mesmo tempo, “um péssimo marido”.

A coexistência de presença afetiva e ausência emocional também permeou diferentes relatos. P3 descreve um ambiente familiar marcado pela fragilidade dos adultos: “Eu olho pros lados e eu não vejo segurança em lugar nenhum”, mas relata encontros pontuais de intenso

(cc) BY-NC-SA

carinho com o pai: “Cada vez que a gente se encontrava, ele era muito carinhoso”. A expectativa pela chegada paterna evidencia uma experiência masculina construída entre afeto momentâneo e ausência estrutural. De forma semelhante, P4 descreve o pai como alguém profundamente admirado: “Meu pai era um cara que eu queria ser”, embora simultaneamente associado ao alcoolismo, à instabilidade e à incapacidade de sustentar vínculos: “Meu pai nunca terminou nada que ele começou; inclusive ele não terminou de ser pai”. P4 também descreve uma figura paterna intensa, mas imprevisível: “Quando ele estava, ele era uma figura onipresente, só que muitas vezes ele não estava”.

A narrativa de P5 evidencia experiências marcadas pela ausência paterna e pela convivência com modelos masculinos contraditórios: “Eu fui criado basicamente sem presença do meu pai. Meu pai abandonou minha mãe quando eu era bebê e ainda tentou me matar”. Ao mesmo tempo, descreve o avô como figura carinhosa, mas também associada a práticas machistas naturalizadas: “Meu avô era muito mais carinhoso, mas olhando com o olhar de masculinidade, ele era o típico velho sem-vergonha”. A convivência entre cuidado, dominação e violência comparece de maneira recorrente na narrativa.

P6 fala da masculinidade familiar como marcada por desorganização emocional e alcoolismo paterno: “Eu percebia o quão tóxico eram a maioria das masculinidades que eu tinha por perto”, descrevendo um pai que “entrou no alcoolismo mais pesado” e que “não conseguia demonstrar carinho de uma maneira carinhosa”. A narrativa sugere que a presença física do pai coexistia com importantes dificuldades de expressão afetiva e cuidado emocional.

P7 descreve experiências masculinas fortemente associadas à violência e à agressividade herdadas como referências positivas. Relata que cresceu ouvindo histórias de brigas paternas: “Meu pai sempre contou histórias de quando ele era adolescente, de quando ele era novo e tal, que só briga; eu achava isso o máximo”. O bisavô paterno aparece como figura extrema dessa herança, um homem que havia matado pessoas, e cujas histórias o pai contava “de certa forma, com orgulho”. Ao longo da entrevista, P7 reconhece ter incorporado esses valores desde cedo, descrevendo uma trajetória marcada por episódios recorrentes de uma violência que considerava natural, mas que somente mais tarde passou a questionar.

A fragmentação das referências masculinas também compareceu como elemento recorrente. “Eu tenho três pais: meu pai, meu padrinho e meu padrasto, mas somando tudo, não dá um”, afirma P8, descrevendo figuras masculinas percebidas como insuficientes e emocionalmente incompletas. Em P9, a ambivalência é condensada na metáfora por ele próprio construída: “Eu fui gerado por um lobo e por uma cobra”. O pai é descrito simultaneamente

(cc) BY-NC-SA

como protetor e ameaçador: “Meu pai era extremamente bravo. Ele era protetor, mas ele era rígido”. O relato associa masculinidade, cuidado e medo em uma mesma experiência relacional.

Por fim, P10 descreve uma experiência marcada por contradições entre sensibilidade e rigidez nos modelos masculinos familiares. Afirma que o pai “era uma pessoa muito sensível, era o homem que chorava; ele era uma pessoa empática”, mas também reproduzia discursos associados à masculinidade tradicional, dizendo que “homem não chora”.

As narrativas indicam, portanto, que os participantes aprenderam formas de masculinidade em contextos nos quais cuidado e violência, proteção e medo, presença e ausência estiveram frequentemente associados. Mais do que modelos masculinos estáveis e coerentes, os relatos descrevem experiências marcadas por contradições, fragmentações e ambiguidades afetivas que atravessaram diferentes gerações familiares.

Lealdades invisíveis e repetição transgeracional

As narrativas evidenciaram a presença recorrente de padrões masculinos transmitidos entre gerações, especialmente os relacionados a alcoolismo, violência, ausência afetiva e distanciamento emocional. Em muitos relatos, pais, avôs e outros homens da família reproduziam formas semelhantes de lidar com sofrimento, autoridade, afetos e conflitos, o que sugere continuidades familiares que atravessavam diferentes gerações. Os participantes frequentemente demonstraram reconhecer essas repetições ao longo de suas histórias, ainda que em diferentes níveis de consciência e elaboração.

O alcoolismo constituiu o padrão mais recorrente nas narrativas, mas sua presença assumiu formas distintas conforme a trajetória de cada família. Em alguns casos, foi possível identificar uma cadeia de transmissão explícita entre gerações. P4 descreve que avô e pai compartilhavam o mesmo padrão: “Ele e meu pai tinham o mesmo problema do alcoolismo”, associando diretamente a deterioração das trajetórias masculinas da família ao uso do álcool ao longo de gerações. Em P6, o avô paterno e o pai bebiam simultaneamente na mesma casa: o pai “às vezes nove e meia da manhã, ele já estava com uma caipirinha na mão”, enquanto o avô “ia beber num boteco perto ou comprava uma garrafa de cachaça e escondia”, revelando que o padrão atravessava duas gerações masculinas no mesmo espaço doméstico. O avô paterno de P10 “também tinha problemas com álcool” e morreu jovem. O pai seguiu trajetória semelhante, fazendo uso abusivo de álcool e também morrendo precocemente.

Nos demais participantes, o alcoolismo não se configurou como cadeia direta de transmissão, mas mostrou-se como experiência adversa persistente que neles organizou o

(cc) BY-NC-SA

sofrimento e a subjetividade desde a infância. P1 cresceu convivendo com o alcoolismo do avô materno, que "bebia, batia o carro, se colocava em situações de risco", gerando uma atmosfera doméstica de tensão e imprevisibilidade. P8 descreve que "durante muito tempo, a palavra que me fazia começar a chorar era 'saideira'", pois o pai permanecia longos períodos no bar, e que "faltava dinheiro pra várias outras coisas, mas pra bebida nunca faltou" — síntese de uma infância marcada pela centralidade do álcool na organização familiar. P9 relata que "o meu tio bebeu tanto, mas tanto, que ele morreu de cirrose", associando o alcoolismo à rigidez dos avós maternos e aos problemas de saúde mental que se espalharam pela família: "São situações mentais que eu acho que foram muito parte de como minha avó e meu avô trataram eles — enfim, o ciclo". Em nenhum desses casos os participantes reproduziram o padrão do alcoolismo na própria vida, mas todos carregam as marcas da convivência com ele, especialmente as da imprevisibilidade afetiva, da ausência emocional e da instabilidade relacional que o uso abusivo do álcool produzia nas figuras masculinas de referência.

A transmissão de padrões violentos de lidar com conflitos e exercer autoridade apresentou cadeia intergeracional mais explícita e direta. P3 descreve uma genealogia de violência que remonta ao bisavô: "O pai dele batia nele, humilhava ele, e ele fez isso com o meu pai", revelando como a agressividade e a humilhação se transmitiram de geração em geração, transformando-se, porém, ao longo do tempo: o pai de P3 não reproduziu a violência física que recebeu, mas P3 reconhece herdar padrões relacionais disfuncionais que se manifestam em suas relações afetivas de formas mais sutis, que ele ativamente busca modificar: "Eu não quero ser esse ser humano que faz isso com a pessoa que mais ama".

Em P7, a cadeia de violência é mais direta e extensa. O avô materno era alcoólatra grave e violento, "tomava uns três litros de cachaça por dia" e "foi preso duas vezes, uma vez por bater na minha avó". O pai reproduziu padrões de agressividade física com os filhos. P7, por sua vez, reconhece ter reproduzido esses padrões em suas relações afetivas: "Já pratiquei muita violência psicológica" e chegou a defender práticas violentas na educação de crianças: "Uns tapinhas tem que dar, tem que bater, porque às vezes se torna insuportável". A consciência sobre essa cadeia foi o que o motivou a buscar terapia, "justamente para tentar quebrar essa corrente que vem se arrastando na minha família durante muito tempo da violência contra crianças". Esse participante foi o que mais explicitamente nomeou a transmissão transgeracional como problema a ser interrompido.

Em algumas narrativas, a repetição transgeracional esteve associada menos à violência explícita ou ao alcoolismo e mais à transmissão de formas de solidão, autossuficiência e

(cc) BY-NC-SA

distanciamento emocional. P2 identifica esse movimento de maneira direta ao afirmar que "o padrão se repete" e que "essa herança do masculino que é mais forte é remar sozinho", reconhecendo que acabou reproduzindo o modo de funcionamento do pai: "Eu acabei remando como ele, tipo sozinho". Em P6, a ausência emocional do pai produziu um ambiente familiar em que a mãe assumia todas as responsabilidades, enquanto o pai se tornava funcionalmente ausente: "Minha mãe cuidando da casa, de todo mundo, responsável por trazer o dinheiro, organizar as finanças, botar a casa em ordem, e meu pai às vezes trabalhando, às vezes não trabalhando, bebendo nessa dinâmica mais desagregadora". P6 reconhece ter herdado desse ambiente uma tendência à autossuficiência excessiva que precisou aprender a questionar.

As narrativas também evidenciaram repetições relacionadas à ausência paterna e à dificuldade de sustentação dos vínculos familiares ao longo das gerações. P3 descreve uma cadeia de instabilidade relacional: "Meus pais separaram quando eu tinha quatro anos, eu tive padrastos, ficou com o meu primeiro padrasto até os meus onze, e depois já engatou um outro. Só que todos esses relacionamentos foram relacionamentos que não foram sadios", acrescentando que "a minha mãe teve três casamentos e teve um filho com cada um", revelando que a dificuldade de sustentar vínculos afetivos consistentes se repetia de geração em geração sem que nenhuma figura masculina conseguisse interromper o padrão. Em P5, a ausência paterna inscreveu-se no cotidiano de formas concretas e duradouras: "Não aparecia no dia do aniversário, muito menos a bicicleta, tanto que eu não ando de bicicleta até hoje". P9 descreve perceber em si elementos associados à figura paterna, especialmente relacionados à explosividade emocional: "Eu era explosivo e aquilo me assustava bastante", reconhecendo que a rigidez herdada do ambiente familiar havia se instalado nele antes que pudesse nomeá-la.

As narrativas indicam, portanto, que os padrões transgeracionais não se reproduzem de forma linear ou idêntica entre gerações. Eles se transformam, se deslocam e assumem novas formas, mas mantêm uma continuidade subjacente que organiza silenciosamente as experiências relacionais e afetivas dos participantes. Alcoolismo, violência, ausência emocional e autossuficiência compareceram como elementos recorrentes dessas transmissões familiares, ainda que assumindo configurações distintas em cada trajetória.

Diferenciação, ruptura e reconstrução reflexiva

Apesar da presença consistente de padrões transgeracionais relacionados à violência, alcoolismo, ausência emocional e rigidez afetiva, as narrativas também evidenciaram movimentos de questionamento, diferenciação e reconstrução em relação às masculinidades

(cc) BY-NC-SA

aprendidas ao longo da infância e adolescência. Esses movimentos apareceram de formas distintas entre os participantes, envolvendo processos graduais de revisão de comportamentos, relações afetivas, formas de cuidado e modos de compreender o que significa ser homem.

Em diferentes relatos, a diferenciação mostrou-se associada à necessidade de interromper padrões percebidos como geradores de sofrimento. P1 descreve que "precisei me afastar para me reaproximar", referindo-se ao distanciamento temporário das figuras parentais como parte do processo de reorganização das relações familiares. Também relata ter se sentado "com cada um em separado para perdoá-los e pedir perdão", e afirma que "a espiritualidade me ajuda a construir uma identidade, um significado, um sentido do porquê eu vivo". Em P2, o movimento de mudança se revela mais gradual, relacionado à tentativa de flexibilizar formas de funcionamento marcadas pela autossuficiência e pelo isolamento: "Eu fui me moldando, me abrindo mais; quis me aproximar mais das pessoas".

As narrativas também revelaram que a consciência sobre os padrões herdados não significava necessariamente interrupção imediata desses comportamentos. P3 declara: "Eu não quero ser esse ser humano que faz isso com a pessoa que mais ama", ao mesmo tempo que reconhece dificuldades em modificar determinadas reações emocionais e relacionais. P4, por sua vez, descreve um processo contínuo de revisão, afirmando que "quero descobrir quem eu sou" e que "se alguém me convence de que eu estou errado, eu mudo de ideia", indicando abertura para a revisão de posições consolidadas. De forma semelhante, P6 descreve que, apesar do esforço de diferenciação frente aos modelos familiares, "se eu for para o automático, me pega", mas relata também movimentos concretos de mudança, tais como "ser menos autossuficiente o tempo inteiro" e "contar e aceitar a ajuda das outras pessoas". Ele define a masculinidade como "um exercício que eu estou fazendo sempre".

Em vários relatos, a terapia esteve associada aos processos de revisão das experiências masculinas familiares. P7 afirma que o principal motivo pelo qual buscou terapia foi "justamente para entender a minha posição nessa relação que eu vou ter com a L. [filha]". O nascimento da filha também aparece como marco importante em seu processo de revisão das próprias referências masculinas, especialmente quanto às formas de autoridade e cuidado. Ele passa a questionar "qual o tipo de presença masculina eu quero ter", diferenciando "o cara que impõe respeito" do "cara que põe medo". A paternidade também comparece em P8 como elemento associado à interrupção de padrões familiares relacionados ao alcoolismo: "G. [filho] chegou, eu não bebo mais. Eu só bebo cerveja sem álcool. O G. não vai passar pelo que eu passei".

(cc) BY-NC-SA

Em P5 e P9, os movimentos de reconstrução se mostram relacionados a experiências intensas de sofrimento psíquico. P5 descreve a tentativa de suicídio como marco de reorganização da própria trajetória, afirmando posteriormente que "a pessoa não quer se matar; ela quer se livrar daquela dor que está sentindo" e que "eu não estou vivo à toa". Ele também se define como "homem, machista em desconstrução", reconhecendo simultaneamente a permanência e a revisão de determinados padrões aprendidos. P9, por sua vez, descreve um percurso de diferenciação a partir das próprias experiências familiares, relatando que "de duas pessoas briguentas, eu escolhi a paz — de duas pessoas que se batem, eu escolhi apartar, de duas pessoas que se xingam, eu escolhi a calmaria". Também afirma que "a consciência foi despertada de tanta frustração, tanta decepção, tanta agonia", associando o processo de mudança à necessidade de se diferenciar das experiências familiares que vivenciara.

Em P10, os movimentos de diferenciação aparecem associados à sexualidade, aos papéis de gênero e às experiências de pertencimento. Ele descreve que "hoje eu não preciso mais reafirmar isso o tempo todo", referindo-se à relação com a própria masculinidade, e acrescenta que "eu gosto de brincar com esses papéis de gênero". Relata ainda que "a gente está no processo de adoção", indicando a construção de novas formas de parentalidade e cuidado. Ao final da entrevista, descreve que "tem muitas coisas que confluíram pra eu estar bem assim hoje".

As narrativas indicam, portanto, que os participantes não descreveram as masculinidades aprendidas na infância como experiências fixas ou imutáveis. Embora os padrões familiares permanecessem presentes de diferentes formas, os relatos também evidenciaram movimentos de revisão, questionamento e diferenciação frente às experiências masculinas herdadas. Terapia, paternidade, relações afetivas, espiritualidade e experiências de sofrimento apareceram, em diferentes trajetórias, associadas a processos de reorganização das formas de viver e compreender a masculinidade.

DISCUSSÃO

Os resultados apresentados permitem compreender como 10 homens adultos que vivenciaram experiências adversas na infância constroem significados sobre suas masculinidades a partir de heranças familiares marcadas por ambivalência, repetição transgeracional e movimentos graduais de diferenciação. A análise de suas narrativas revelou que a masculinidade não foi aprendida como modelo coerente e estável, mas como campo de

(cc) BY-NC-SA

tensão no qual cuidado e violência, presença e ausência, identificação e rejeição coexistiram de forma persistente. Esses achados dialogam com a literatura sobre experiências adversas na infância, masculinidades e transmissão transgeracional, apontando para a complexidade dos processos pelos quais os homens constroem sentidos sobre si mesmos a partir das relações familiares em meio às quais cresceram.

A compreensão das masculinidades como configurações de práticas produzidas historicamente em contextos relacionais específicos, conforme propõem Connell (2005) e Connell e Messerschmidt (2013), encontra sustentação direta nos achados deste estudo. Em nenhuma das narrativas analisadas a masculinidade emergiu como identidade singular ou como herança linear; ao contrário, ela se mostrou como resultado de negociações contínuas entre modelos contraditórios, expectativas relacionais não ditas e vínculos afetivos marcados por sofrimento e ambivalência. Esse dado reforça a perspectiva de que as masculinidades não são transmitidas como conteúdos explícitos, mas aprendidas nas práticas cotidianas das relações familiares, nos gestos, nos silêncios, nas ausências e nas formas de lidar com o conflito e o afeto que os homens ao redor dos participantes demonstravam, ou não conseguiam demonstrar. Para Connell et al. (2005), as masculinidades são construções sociais continuamente negociadas nas interações cotidianas, especialmente no interior das relações familiares, e as narrativas dos participantes deste estudo ilustram esse processo com precisão, revelando homens que cresceram imersos em masculinidades plurais, nenhuma delas suficientemente coerente para oferecer uma referência estável.

Essa ambivalência nas referências masculinas encontra sustentação também na perspectiva sistêmica e transgeracional. Para Bowen (1991), o desenvolvimento subjetivo ocorre em permanente tensão entre pertencimento e diferenciação, tensão que se organiza primeiramente no interior das relações familiares. As figuras masculinas descritas pelos participantes, simultaneamente objetos de identificação e de rejeição, constituem o campo relacional no qual essa tensão se instala desde a infância. O fato de nenhum participante ter recebido um modelo masculino coerente e estável sugere que a ambivalência não foi um acidente individual em cada trajetória, mas uma característica estrutural do campo familiar no qual esses homens cresceram. Esse dado está em consonância com a compreensão de Boszormenyi-Nagy e Spark (1983) sobre a família como sistema de lealdades e obrigações relacionais que organizam a experiência subjetiva mesmo quando não são conscientemente reconhecidas: os participantes cresceram vinculados a modelos masculinos que geravam

(cc) BY-NC-SA

sofrimento, mas dos quais não podiam simplesmente se desligar, porque esses modelos eram também fonte de pertencimento, identidade e reconhecimento familiar.

A dimensão do alcoolismo, presente em praticamente todas as narrativas, merece atenção específica nesse contexto. Em diferentes relatos, o álcool apareceu não apenas como padrão comportamental individual, mas como organizador das dinâmicas familiares, associado à imprevisibilidade afetiva, à deterioração dos vínculos e à deterioração das trajetórias masculinas ao longo das gerações. Kalmakis e Chandler (2014) identificam a imprevisibilidade como uma das dimensões mais nocivas das experiências adversas na infância, na medida em que compromete os processos de vinculação e de regulação emocional que se desenvolvem nas relações primárias. Felitti et al. (1998) também apontam que a convivência com alcoolismo familiar constitui uma das experiências adversas com maior associação a desfechos negativos ao longo do ciclo vital, dado que encontra ressonância direta nas trajetórias dos participantes deste estudo, nas quais o alcoolismo esteve associado não apenas ao sofrimento imediato, mas à transmissão transgeracional de padrões de ausência emocional, violência e instabilidade relacional.

É precisamente nessa dimensão transgeracional que os achados deste estudo encontram maior ressonância com a perspectiva de Boszormenyi-Nagy e Spark (1983). O conceito de lealdades invisíveis, vínculos éticos e relacionais que conectam os membros de uma família ao longo das gerações, organizando expectativas de pertencimento e obrigação relacional muitas vezes de maneira não consciente, permite compreender por que determinados padrões masculinos se reproduzem mesmo quando os próprios participantes os reconhecem como geradores de sofrimento. Em diferentes narrativas, os participantes descreveram movimentos simultâneos de reconhecimento, crítica e repetição dos padrões herdados, reproduzindo em suas próprias relações formas de violência, distanciamento emocional ou autossuficiência que haviam recebido de seus pais e avôs, mesmo sem a intenção consciente de fazê-lo.

Esse fenômeno é consistente com o que Boszormenyi-Nagy e Spark (1983) descrevem como a força organizadora das lealdades invisíveis: não são as intenções conscientes que determinam a transmissão, mas os vínculos de pertencimento e obrigação que operam abaixo do limiar da consciência. A noção de diferenciação do *self* proposta por Bowen (1991) complementa essa compreensão ao indicar que a interrupção desses padrões exige não apenas o reconhecimento intelectual da herança recebida, mas um processo de construção de autonomia emocional que permita ao sujeito se posicionar criticamente em relação a sua história familiar sem romper os vínculos de pertencimento que sustentam sua identidade.

(cc) BY-NC-SA

Estudos recentes têm apontado que homens expostos a experiências adversas na infância constroem frequentemente estratégias adaptativas associadas a dureza emocional, hipervigilância relacional e silenciamento do sofrimento (Levell, 2020; Zaniewski et al., 2022). Os achados deste estudo confirmam esse padrão, mas acrescentam uma dimensão que a literatura nem sempre contempla com a mesma ênfase: a consciência dos participantes sobre esses padrões e os esforços ativos de transformação que muitos deles empreenderam ao longo da vida adulta. Nesse sentido, os resultados dialogam com Callaghan et al. (2025), para quem homens expostos a contextos familiares violentos ou negligentes não reproduzem tais experiências de maneira linear ou automática, desenvolvendo com frequência movimentos ambivalentes de identificação, crítica, resistência e reelaboração das referências masculinas aprendidas. As trajetórias de P3 e P7, que buscaram terapia justamente para interromper uma cadeia de violência que atravessava gerações, ou a de P8, que abandonou o álcool com a chegada do filho, ou ainda a de P9, que construiu um caminho de diferenciação radical a partir de escolhas deliberadas e solitárias, são exemplos que ilustram essa capacidade de agência mesmo diante de heranças densas e persistentes.

Nesse processo de diferenciação, foram vários os recursos e experiências que apareceram nas narrativas como elementos organizadores da transformação. A terapia, a paternidade, a espiritualidade, o sofrimento psíquico intenso e as relações afetivas significativas foram mencionados pelos participantes como marcos que precipitaram ou sustentaram os movimentos de revisão das masculinidades herdadas. Essa diversidade de caminhos é coerente com a perspectiva de Bowen (1991), segundo a qual a diferenciação do *self* não segue um percurso único ou previsível, mas se organiza a partir das condições relacionais e subjetivas específicas de cada trajetória. Bianchi e Kublikowski (2022) e Bianchi (2026) reforçam essa perspectiva ao compreenderem a família como sistema de relações de afeto e pertencimento que se perpetua ao longo do tempo, assegurando a seus membros não apenas sobrevivência biopsicossocial, mas também condições para transformação quando os sujeitos encontram recursos para se posicionar reflexivamente diante da herança recebida.

É nesse ponto que se torna particularmente relevante a contribuição de hooks (2025), ao argumentar que a cultura patriarcal impõe aos homens, desde a infância, a supressão da vulnerabilidade, do afeto e da necessidade de cuidado como condições de pertencimento ao universo masculino. Esse processo de supressão, aprendido nas relações familiares, reforçado nas interações sociais e naturalizado como atributo da masculinidade, é exatamente o que as narrativas dos participantes revelam: homens que cresceram em ambientes nos quais o afeto

(cc) BY-NC-SA

masculino era escasso, contraditório ou condicionado e que precisaram, ao longo da vida adulta, aprender a reconhecer e a nomear necessidades emocionais que foram sistematicamente silenciadas em sua formação. Para hooks (2025), a transformação dessa condição não passa pela negação da masculinidade, mas pela construção de formas de ser homem nas quais o amor, o cuidado e a vulnerabilidade possam ser vividos sem ameaça à identidade, o que, em diferentes graus e formas, é exatamente o projeto que os participantes do presente estudo descrevem estar construindo em suas vidas.

Os achados apontam, portanto, a necessidade de compreender a construção das masculinidades em contextos adversos como processo simultâneo de transmissão e transformação. As heranças familiares não determinam linearmente as identidades masculinas, mas constituem o campo de tensão a partir do qual cada sujeito constrói, com os recursos disponíveis em sua trajetória, formas próprias de ser homem. Essa compreensão tem implicações relevantes para a prática clínica em psicologia, especialmente no trabalho com homens que buscam elaborar experiências adversas da infância e ressignificar as referências masculinas que receberam, abrindo espaço para masculinidades mais afetivas, reflexivas e capazes de sustentar vínculos sem recorrer à violência, ao distanciamento ou ao silenciamento do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, buscou-se compreender o impacto dos padrões transgeracionais na construção de significados atribuídos às masculinidades por homens adultos que vivenciaram experiências adversas na infância. Os achados evidenciaram que a masculinidade foi aprendida em contextos marcados por ambivalência afetiva, repetição transgeracional e movimentos graduais de diferenciação, processos estes que se mostraram profundamente interligados e que não podem ser compreendidos de forma isolada.

A análise das narrativas indicou que as experiências adversas na infância não determinam linearmente as identidades masculinas, mas constituem o campo relacional a partir do qual cada sujeito constrói, com os recursos disponíveis em sua trajetória, formas próprias de significar e viver a masculinidade. Alcoolismo, violência, ausência emocional e rigidez afetiva apareceram como padrões transmitidos entre gerações, mas também como experiências que, quando elaboradas reflexivamente, puderam se tornar ponto de partida para movimentos de transformação e diferenciação.

(cc) BY-NC-SA

Estes achados têm implicações relevantes para a prática clínica em psicologia. O trabalho com homens que vivenciaram experiências adversas na infância requer atenção às heranças transgeracionais que organizam silenciosamente suas formas de se relacionar, exercer autoridade e lidar com o sofrimento, dimensões que frequentemente não chegam nomeadas à clínica, mas que se manifestam nas dificuldades relacionais, na rigidez afetiva e no silenciamento da vulnerabilidade. Compreender esses padrões como produtos de transmissões familiares, e não como falhas individuais, abre espaço para intervenções mais sensíveis e eficazes.

Como limitação, tem-se o fato de que a amostra se compôs exclusivamente de homens cisgênero brasileiros, com predominância de participantes brancos e com ensino superior, o que restringe o alcance dos resultados. Por outro lado, os processos descritos neste estudo podem contribuir para a construção de espaços clínicos de reflexividade acerca das identidades masculinas e dos modos como elas são produzidas ao longo das trajetórias familiares. Estudos futuros poderão investigar as especificidades das masculinidades em contextos de maior vulnerabilidade social. A inclusão de perspectivas interseccionais, articulando gênero, cor/etnia e classe, poderá enriquecer significativamente a compreensão dos processos de transmissão e transformação das masculinidades em contextos adversos.

(cc) BY-NC-SA

REFERÊNCIAS

Andrade, C. R., Avancini, J. Q., & Oliveira, R. V. C. (2022). Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública, 38*(6), e00269921. https://doi.org/10.1590/0102-311XPT269921

Bianchi, D. P. B. (2026). Entre o pertencimento e o silêncio: Mitos e segredos na experiência familiar. In D. M. Silva (Org.), *Casais e famílias: Interfaces clínicas nas relações amorosas e familiares* (Vol. 4, pp. 31–44). Juruá.

Bianchi, D. P. B., & Kublikowski, I. (2022). Relação entre segredos e mitos familiares através de um olhar transgeracional. In M. B. Fernandes (Org.), *A clínica gestáltica com casais e famílias: Caminhos do diálogo* (pp. 73–110). Instituto Gestalt de São Paulo.

Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (1983). *Invisible loyalties: Reciprocity in intergenerational family therapy*. Harper & Row.

Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar* (B. E. A. Lonné, Trad.; 4ª ed.). Paidós.

Brasil. (1994). *Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994: Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm

Brasil. (2003). *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003: Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm

Brasil. (2024). *Lei nº 14.874, de 28 de maio de 2024: Dispõe sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14874.htm

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Clarke, V., & Braun, V. (2016). Thematic analysis. In E. Lyons & A. Coyle (Eds.), *Analysing qualitative data in psychology* (2nd ed., pp. 84–103). Sage.

Callaghan, J. E. M., Fellin, L. C., Mavrou, S., Alexandre, J. H., Deliyianni-Kouimtzis, V., & Sixsmith, J. (2025). Managing masculinity when growing up with a violent father: A qualitative study of boys' experiences. *Violence Against Women, 32*(1), 158–188. https://doi.org/10.1177/10778012241303462

Connell, R. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). University of California Press.

Connell, R. W., Hearn, J., & Kimmel, M. S. (2005). Introduction. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 1–12). Sage.

(cc) BY-NC-SA

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito (F. B. M. Fernandes, Trad.). *Estudos Feministas, 21*(1), 241–282. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 1–32). Sage.

Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine, 14*(4), 245–258. https://doi.org/10.1016/S0749-3797(98)00017-8

hooks, b. (2025). *A vontade de mudar: Homens, masculinidade e amor* (M. Quadros & L. Prates, Trads.). Elefante.

Kalmakis, K. A., & Chandler, G. E. (2014). Adverse childhood experiences: Towards a clear conceptual meaning. *Journal of Advanced Nursing, 70*(7), 1489–1501. https://doi.org/10.1111/jan.12329

Krüger, L. L., & Werlang, B. S. G. (2008). O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. *Avaliação Psicológica, 7*(3), 415–426.

Kublikowski, I. (2023). Reflections on analysis in qualitative research: The hermeneutic circle in Ricoeur. *Paidéia, 33*, e3319. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3319

Kublikowski, I., & Bianchi, D. P. B. (2025). Experiências adversas precoces e o processo de desenvolvimento. In L. V. C. Moreira, L. X. Senra, F. S. Cardoso, & J. A. Silva (Orgs.), *Infância e adolescência: Ansiedade, depressão e violência* (Vol. 1, pp. 27–50). Companhia Ilimitada.

Kvale, S. (1996). *InterViews: An introduction to qualitative research interviewing*. Sage.

Levell, J. (2020). Using Connell's masculinity theory to understand the way in which ex-gang-involved men coped with childhood domestic violence. *Journal of Gender-Based Violence, 4*(2), 207–221. https://doi.org/10.1332/239868020X15857301876812

McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: Avaliação e intervenção familiar* (S. M. M. Rosa, Trad.; 3ª ed.). Artmed.

Rodrigues, C. M., & Kublikowski, I. (2014). Os pais e a transição do jovem para a vida adulta. *Psico, 45*(4), 524–534. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.16372

Souza, R. M. (2022). Depende de quem você é e de como você faz: Sobre o gênero na entrevista qualitativa de pesquisa. In R. Souza, P. A. Maciel Júnior, & E. Defendi (Orgs.), *Ensaios sobre masculinidades na atualidade* (pp. 37–50). EDUC.

Turobov, A., Coyle, D., & Harding, M. (2024). *Using ChatGPT for thematic analysis* [Preprint]. arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2405.08828

(cc) BY-NC-SA

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (C. M. Herrera, Trad.; 5ª ed.). Bookman.

Zaniewski, B., Dallos, R., Stedmon, J., & Welbourne, P. (2022). Boys don't cry: Trauma, trauma narrative and masculine practice among young male who engaged in harmful sexual behaviour. *Human Systems,* *3*(1), 3–29. https://doi.org/10.1177/26344041221127693

(cc) BY-NC-SA

CRediT Author Statement

- **Reconhecimentos**: Não.
- **Financiamento**: Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).
- **Conflitos de interesse**: Não há conflitos de interesse.
- **Aprovação ética**: O trabalho passou por Comitê de Ética de Pesquisa vinculado à PUC-SP.
- **Disponibilidade de dados e material**: Os dados e materiais utilizados no trabalho não estão disponíveis para acesso, por se tratar de entrevistas com caráter sigiloso, obedecendo ao Comitê de Ética para Pesquisa. A tese completa estará disponível no *site* da PUC-SP a partir de 2027.
- **Contribuições dos autores**: As contribuições são similares.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

(cc) BY-NC-SA